

MATILDE ASENSI

Vingança em Sevilha

Tradução
Artur Costa e Emília Ferreira



Grupo  Planeta

PLANETA MANUSCRITO
Rua do Loreto, n.º 16 – 1.º Direito
1200-242 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 2010, Matilde Asensi
© 2010, Editorial Planeta publicado com o acordo
de Cristina Mora Literary & Film Agency
© 2011, Planeta Manuscrito

Título original: *Venganza en Sevilla*

Revisão: Clara Joana Vitorino

Paginação: Guidesign

1.ª edição: Abril de 2011

Depósito legal n.º 327 265/11

Impressão e acabamento: Guide – Artes Gráficas

ISBN: 978-989-657-181-1

www.planeta.pt

No final da estação seca do ano de 1606, num dia nublado e escuro do princípio do mês de Outubro, em que o céu parecia reter a todo o custo uma água abundante que desejava derramar-se como um dilúvio, alguém bateu à porta da minha casa à hora da sesta, com umas insolentes e desmedidas batidas nas aldrabas. Ninguém usava estes modos grosseiros em Margarita, a minha aldeia, a povoação principal da ilha do mesmo nome em que eu me tinha instalado havia apenas meio ano, após a recuperação legal da herança do meu tio Hernando e das dos meus defuntos esposo e sogro. Para o resto das Caraíbas, eu era Martín Nevares, mas em Margarita todos me conheciam como a jovem viúva Catalina Solís, dona de uma próspera latoaria e de duas casas recuperadas, a minha e outra que mantinha arrendada e que me proporcionava boas rendas. A minha vida decorria na maior felicidade, regalada e alegre e havia dois moços bem-apessoados que me faziam a corte desde o dia em que chegara à aldeia para reclamar as minhas heranças. A minha fama de mulher honesta, recatada e abastada fazia o resto.

Como estava a dizer, ninguém ousaria apresentar-se à hora da sesta numa casa de gente de bem, causando alvoroço e perturbando todos os vizinhos com aquelas pancadas de meirinho. Em toda a ilha, para além do zumbido dos mosquitos, não se ouvia mais do que os latidos dos cães e, de vez em quando, o zurrar de um burro, o grasnar de alguma ave ou o grunhir de algum porco. Nesse momento, eu dormitava no pátio, à sombra da minha bela palmeira e dos meus coqueiros, enquanto a minha criada Brígida me abanava com uma grande folha de palmeira. Havia tanta humidade no ar que se tornava difícil respirar e era imperioso permanecer em sossego até

ao pôr do Sol para prevenir os males de cabeça que já tinham arrastado muitos para a tumba.

Assim sendo, ao ouvir as desarvoradas pancadas, abri os olhos de repente e vi, por entre as ramadas, as gelosias do primeiro andar da minha casa.

– Ama... – ouvi a voz do meu criado Manuel, perto da porta da casa.

– Sim?

– Ama, um homem que diz chamar-se Rodrigo de Soria insiste em falar com vossa mercê. Vem armado até aos dentes e...

– Rodrigo! – exclamei, dando um salto e largando a correr até à porta do saguão, pegando na saia para a levantar (às vezes, tinha saudades dos calções de Martín).

Céus! Que grande alegria! Havia seis meses que não tinha notícias da minha família, salvo algumas novas contadas na praça por mercadores desprevenidos: que o velho Esteban Nevares, de Santa Marta, tinha brigado com fulano, que María Chacón tinha aumentado os preços da mancebia, que os *palenques* do Magdalena continuavam a prosperar... Todavia, apesar do meu enorme júbilo, tive de recuperar o juízo à força e travei a corrida ao atravessar a sala de refeições. O meu compadre Rodrigo, na ilha Margarita e, além disso, a inquirir por mim, Catalina Solís, de quem ele nada sabia nem conhecia? Para Rodrigo, marinheiro da *Chacona*, eu era Martín Nevares, filho natural do seu capitão, o fidalgo Esteban Nevares, que me perfilhou depois de me haver resgatado numa ilha deserta e, que eu soubesse, nunca ninguém lhe tinha dito que, na verdade, eu era uma mulher e ainda por cima viúva de um latoeiro natural da ilha Margarita, ao qual, em pequeno, um coice de mula deixara com meia cabeça e nenhum entendimento. Rodrigo a pedir para ver Catalina Solís...? Algo estava a acontecer em Santa Marta e não devia ser nada de bom, pensei inquieta.

O meu compadre, impetuoso como era, não tinha conseguido ficar à espera à porta da rua e, assim, com grande estrondo de passos no chão de terra da entrada, vi-o aparecer, com o amplo chapéu nas mãos, na sala de refeições e, como era de se esperar, alterar-se e ficar petrificado, ao ver-me com as minhas roupas de mulher e até com a touca de viúva sobre o meu penteado discreto. A mim, a emoção fazia-me bater mais forte o coração, mas ele dava ares de ter morrido e de lutar por conseguir ressuscitar, embora se limitasse a abrir e fechar a boca como um peixe.

– Martín? – tartamudeou por fim, com grande esforço. Reconhecer, naquela esmerada viúva de vinte e quatro anos, o seu jovem companheiro

de peripécias e de correrias pelas Caraíbas era um revés maior do que a sua cabeça poderia suportar. Esquecendo as minhas últimas preocupações, a sua perturbação e as normas que a honestidade me impunha, eu, que sentia a maior das felicidades por voltar a vê-lo, ri e avancei com rapidez na sua direcção para o abraçar. Ele ficou horrorizado. Recuou com cara de quem estava na presença do diabo e vi-o deitar a mão à espada.

– Rodrigo, meu irmão! – exclamei, detendo-me. – Que vem a ser isso de tentar lançar mão à espada nesta casa de paz que, além disso, é a do teu irmão Martín, casa em que serás sempre bem-vindo?

Não estava a passar-me despercebido que Rodrigo acreditava estar a ser vítima de alguma bruxaria ou encantamento e que, sem dúvida, culpava Satanás por estar a perder o juízo daquela forma e naquele momento.

– Mas o que vem a ser isto? – gritou. – Quem sois vós, minha senhora, que tanto vos pareceis com o meu amigo Martín?

– Sou o Martín, Rodrigo – reafirmei, impaciente e pouco compreensiva em relação ao seu natural desconcerto. – Nem minha senhora nem nada. Sou o teu compadre.

Rodrigo mirava-me e remirava-me, enquanto resfolegava como um cavalo. Atirou o chapéu para cima da mesa e levou as mãos à cabeça, para desembaraçar os cabelos grisalhos. Ostentava um olhar perdido.

– Se és de facto o meu irmão Martín – resmungou com desprezo –, Martín Nevares, filho de Esteban Nevares, capitão da *Chacona*, que fazes vestido de mulher, numa tão manifesta e vil loucura?

– Por acaso quem te enviou aqui não te contou a história?

O seu rosto, de pele curtida como couro pelos muitos anos passados no mar, estava carregado e escuro. Sem dúvida continuava perdido no que pensava ser um pesadelo, mas, pouco tempo depois, vi-o por fim suspirar e olhar em redor com perplexidade e assombro, como se os móveis da minha casa e as paredes e os tectos lhe fossem devolvendo aos poucos o juízo completo. Eu não percebia ou não queria perceber ao que vinha tanta confusão, pois muitas vezes tinha receado, durante os meus cinco anos de mar a bordo da *Chacona*, que Rodrigo tivesse descoberto o meu segredo. Pelos vistos, tinha-me enganado à grande, já que para ele era claro que eu era um rapaz mestiço de uns dezasseis ou dezassete anos de idade.

Para o ajudar a avivar a memória, com um gesto decidido arranquei a touca da cabeça e soltei o cabelo, que mantinha com o mesmo comprimento

do de Martín, para o caso de, por alguma situação inesperada, ter de voltar a transformar-me nele outra vez.

– Chega, Rodrigo! – ordenei, colocando a voz no tom grave que ele tão bem conhecia; e, com efeito, ao ouvi-la ele olhou-me com doçura e o seu sobrolho carregado aligeirou-se. – Vem comigo até ao pátio e diz-me o que fazes aqui na minha casa de Margarita!

O meu compadre, o velho e querido batoteiro especialista em jogos de cartas e aldrabices, bom mareante, homem nobre e de coração grande, obedeceu à minha ordem com a mesma diligência com que o fazia no esquife mercante do meu pai.

– Brígida – pedi à criada ao entrar no pátio –, diz ao Manuel que vá ao poço buscar água fresca e, depois, traz uma boa jarra de *aloja*¹ e dois copos.

– Não temos tempo para bebidas – grunhiu o atormentado Rodrigo sem se sentar na cadeira que Brígida tinha ido buscar para ele. – Devemos partir de imediato.

– Partir? – Bem me cheirara a esturro.

Rodrigo deitou uma mirada astuta à criada, que estava a entrar em casa pela porta das cozinhas, e só quando a sua figura deixou de se ver é que começou a dar-me conta das suas razões.

– Se és mesmo o Martín – começou por dizer –, hás-de saber que o teu pai foi preso pelos soldados do governador de Cartagena, na segunda-feira, aos onze dias do passado mês de Setembro.

Foi como levar uma pancada fortíssima. Nem sequer consegui abrir a boca para soltar uma exclamação. O meu pai, preso?

– O que estás a dizer? – balbuciei à beira do desmaio. – Lembra-te de que Don Jerónimo de Zuazo e o meu pai se tornaram grandes amigos quando enganámos os Curvos e ajudámos a pacificar os *palenques*.

– Então já vês quanto tempo dura a amizade dos poderosos – exclamou Rodrigo, sentando-se por fim. – Os meirinhos de Don Jerónimo apareceram na casa de Santa Marta e prenderam o teu pai por crimes de lesa-majestade contra a Coroa Real de Espanha.

– Crimes de lesa-majestade? – Nunca na minha vida tinha ouvido maior nem mais absurda barbaridade.

¹ Refresco típico dos séculos XVI e XVII, feito com água, especiarias e mel.

– As acusações são duas e muito graves: uma, de contrabando, e a outra, que é a mesma, por mercadejar armas com estrangeiros inimigos, os flamengos de Punta Araya. Já sabes que estamos em guerra com a Flandres.

– Alguém deu com a língua nos dentes, Rodrigo! – vociferei, furiosa.
– O nosso acordo com Moucheron¹ era conhecido de todos, mas ninguém queria saber disso para nada. A que propósito vem agora essa decisão de prender o meu pai?

– Uma nova Carta Régia ordena que o comércio e, em especial, o comércio ilegal com os flamengos seja punido com dureza, em todo o império. O rei quer estrangular a economia das províncias rebeldes a ver se se rendem – suspirou. – Mais nos valia ter feito acordos com os ingleses ou com os franceses! O governador de Cartagena precisa de cabeças para fazer cumprir as ordens do rei, de modo que o teu pai está preso e espera-se o pior.

Franzi as sobrancelhas, sem saber o que queria dizer com essas palavras, e ele tratou de me esclarecer:

– O comércio ilegal com o inimigo em tempos de guerra significa, sem perdão, a pena de morte.

– O quê? – gritei, horrorizada. A minha angústia não podia ser maior. Comecei a chorar em silêncio, sentindo a força daquele medo que, em pequena, sentira em Toledo, havia muitos anos, quando a Inquisição tinha levado o meu verdadeiro pai para os calabouços e ali o tinha deixado morrer de febre terçã, em mil quinhentos e noventa e seis. Agora, dez anos volvidos e do outro lado do mundo, o meu segundo pai fora também feito prisioneiro e eu, dado o que me havia acontecido em Toledo, estava certa de não voltar a vê-lo com vida, tal como ao outro, uma vez que, mesmo que fosse evitado o julgamento (o que devia ser feito a todo o custo), o meu pai já era um homem de idade, de muita idade, que padecia de graves privações de juízo desde que fora obrigado a tornar-se contrabandista para pagar as dívidas àquele maldito vilão, àquele velhaco excomungado chamado Melchor de Osuna, de má memória. Era mister resgatar o meu pai, viajar a todo o pano até Cartagena para conseguir a sua liberdade. Nem por razões de orgulho, nem por motivos de saúde seria capaz de resistir muito tempo à prisão, vendo-se com os pés agrilhoados e as mãos algemadas.

¹ Daniel de Moucheron, aventureiro e corsário zelandês, activo nas Caraíbas por um período de doze anos. Foi morto em Punta Araya em Novembro de 1605.

– E ainda não ouviste tudo – acrescentou o meu companheiro, passando uma mão pela testa, na zona onde se via a marca húmida e vermelha do chambergo.

– Ainda há mais? – solucei.

Rodrigo lançou-me um doloroso e demorado olhar.

– Sossega-te, senhora, e procura sossegar a tua agitação, pois não é menos pesaroso o que ainda tenho para te contar. Nessa mesma segunda-feira, aos onze dias do mês de Setembro, o dia em que prenderam o capitão, a povoação de Santa Marta foi atacada durante a noite pela urca flamenga *Hoor*n do corsário Jakob Lundch, de que já deves ter ouvido falar.

Assenti e fechei os olhos com força. Havia mais de dois anos que Jakob Lundch vinha atacando as nossas costas e a simples menção do seu nome fazia as crianças chorar de terror. Apenas dois meses antes, a *Hoor*n tinha passado próximo de Margarita mas, por sorte, não havia parado e havia seguido rumo a Trindade. Em Mampatare, um vilarejo portuário da ilha, tinham-se feito procissões de agradecimento e houvera festas nas terras.

– Na verdade, ninguém sabe como sucedeu – prosseguiu Rodrigo. – A nau flamenga deve ter-se escondido atrás da pequena ilha do Morro até ao anoitecer e então entrou na baía, aproveitando a escuridão, de maneira que, antes mesmo de os vizinhos poderem agarrar os seus arcabuzes, mosquetes e bestas, já os piratas estavam a espancá-los e a matá-los. Com o povo subjogado, aplicaram-se então a estuprar as mulheres e a roubar tudo o que achavam, mesmo os cálices das igrejas. Pouco antes da alba, deitaram fogo à aldeia e às embarcações que havia no porto, entre elas a *Chacona* e, depois, levantaram âncora e zarparam. – Rodrigo passou as mãos calejadas pelas faces. – Mas, como uma desgraça nunca vem só, deves também saber que a tua mãe, que não havia tido tempo de se recuperar do encarceramento do capitão, achou-se de súbito a tentar salvar as vidas das concubinas que os flamengos, depois de terem abusado delas, tinham atado às pesadas camas para que não pudessem escapar ao fogo. A casa inteira, a loja e a mancebia desapareceram. As chamas consumiram-nas naquela noite, com todas as mulheres lá dentro.

Fiquei sem pinga de sangue e senti a alma abandonar-me, como um pássaro que foge.

– O que... o que aconteceu à mãe?

– A mãe salvou-se – disse ele, e pigarreou – mas por um triz. Nem sei se ainda está viva. Quando zarpei de Santa Marta para vir buscar-te, agonizava no *palenque* de Sando. O filho do rei Benkos, que tratou dela ao chegar ao

porto, atraído que foi pelos resplendores do incêndio, encontrou-a ferida e deitada por terra. De certeza que os vizinhos que conseguiram fugir a deram por morta, pois de outro modo tê-la-iam levado consigo. Queimada, queimada, não está muito, só as pernas e os braços, mas tem o peito abrasado por dentro e respira com dificuldade. Ali a deixei, ao cuidado de Juanillo, o grumete que, por se encontrar por aqueles dias no *palenque*, conseguiu salvar a vida. Eu escapei porque, há três meses, iniciei uma relação com Melchora de los Reyes, uma viúva de Río de la Hacha, com a qual contraírei matrimônio muito em breve, e encontrava-me então na sua companhia. Soube do sucedido dois dias depois de ter acontecido, quando regresssei a uma Santa Marta queimada e desolada, e juro-te, Martín, que fiquei louco. Com estas mesmas mãos – e estendeu-mas com as palmas para cima – dei sepultura a muitos vizinhos que estavam a decompor-se ao sol, como animais abandonados. Aos nossos compadres Mateo Quesada e Lucas Urbina, enterrei-os no solo sagrado da igreja; a Guacoa, a Jayuheibo e ao jovem Nicolasito, na selva, e pus os três juntos para que não ficassem sozinhos; ao Negro Tomé, ao Miguel e ao pobre Antón envolvi-os em bons lençóis de algodão antes de os deitar para o fundo do sepulcro que abri na praça. Trabalhei como uma mula, pois não havia viva alma para me ajudar, muitas léguas em redor.

Eu ouvia-o e voltava a chorar, mas agora sem soluços. Sentia-me morta por dentro.

– Por que os chimarrões do *palenque* não os enterraram? – perguntei enraivecida, secando os olhos com um lenço de linho fino. Rodrigo, ao ver o meu gesto feminino, voltou a contemplar-me como se não me conhecesse.

– Será que te esqueceste? São africanos e conservam as suas superstições estranhas. Sando mandou os seus homens procurar os que estivessem vivos e que deixassem Santa Marta o mais depressa que pudessem, logo depois, com medo dos espíritos.

Pelo menos, pensei para mim mesma, a mãe tinha sobrevivido. Poderia ter sido mais um dos corpos abandonados ao sol.

– Depois de ficar algum tempo no *palenque* – continuou Rodrigo a contar –, dirigi-me a Santa Marta para esperar uma nau que seguisse a maré até aqui. Havia muito poucas que se aproximassem da costa o suficiente para poder divisar-me e perceber o sucedido e por isso demorei alguns dias a encontrar um capitão que aceitasse trazer-me a troco de trabalho. Foi bastante duro esperar daquela maneira, tendo o meu cavalo por única companhia, naquela povoação sem almas, e por amarga visão os restos

queimados da *Chacona*. De lá segui para cumprir a penosa diligência de te dar as tristes novas, como a mãe desejou e, também seguindo o seu desejo, de te levar de regresso para junto dela. Como não pode falar muito, pediu-me que viesse sem demora a Margarita e que perguntasse pela viúva Catalina Solís, uma senhora que me daria conta de Martín. Nada mais disse e juro-te, compadre, que tive para mim que te tinhas amancebado com a tal Catalina. Nunca imaginei que fosses tu mesmo.

Não tinha forças para sorrir. Quem as teria tido? Mas, nesse momento, a minha terrível dor olhou-me em cheio nos olhos e cuspiu-me com desprezo na alma. Como ousava desfazer-me em lágrimas enquanto o meu pai definhava numa prisão de Cartagena, a mãe agonizava no *palenque* e os homens da *Chacona* e as moças da mancebia apodreciam debaixo da terra? Limpei a cara com o lenço e lancei um olhar desafiador a Rodrigo.

– Pelos ossos do meu pai e pelo século da minha mãe¹ – a minha voz voltava a ser a voz grave de Martín –, irei remediar estes desastres ou não tenha eu o nome que tenho e não seja filha de quem sou.

Rodrigo abriu a boca como se fosse perguntar-me de quem, ao certo, era eu filha ou filho, mas conteve-se. Não fiz caso dele. Logo teria tempo, na torna-viagem, de me perguntar o que lhe desse na gana, se assim o quisesse. O importante agora era partir com presteza.

– Espera aqui por mim – disse-lhe. – Devo tomar umas derradeiras providências e trocar por outros os meus trajes de mulher.

A chuva, que se tinha mantido retida no céu ao longo de todo o dia, começou a cair de repente e com grande força e brio, como sempre acontece nas Caraíbas, mas a mim nada disso me impressionava. Só conseguia pensar no meu pai, na sua idade avançada, nos seus achaques e perdas de tino, na sua debilidade de velho... Se não chegasse depressa ao pé dele, acabaria por morrer de pena e de vergonha, atormentado pela desonra, martirizado por uma humilhação que um fidalgo espanhol como ele jamais poderia suportar. Havia que chegar depressa ao *palenque* de Sando para recolher a mãe e a levar ao Hospital do Espírito Santo em Cartagena e, uma vez ali, resgatar o meu pai, a bem ou a mal. Estava disposta a gastar em subornos toda a minha fortuna (que era grande, graças ao tesouro pirata que havia encontrado na ilha deserta) ou a matar o governador Jerónimo de Zuazo com as minhas próprias mãos, caso ele não assinasse o perdão e a liberdade do meu pai.

¹ Forma habitual de juramento nos séculos XVI e XVII.

– Brígida! – gritei. A criada apareceu no mesmo instante à porta das cozinhas, carregando uma bandeja de latão sobre a qual pusera o jarro de *aloja* e os dois copos.

– Vou partir e não sei por quanto tempo estarei fora. Deixo tudo ao teu cuidado. Diz ao Iñigo que mantenha a latoaria a funcionar.

Brígida assentiu com a cabeça.

– E agora, o Manuel e tu deveis ir ao moinho e comprar um *celemín*¹ de farinha de milho, que não temos.

– Agora, senhora? – espantou-se, pois era o momento de maior calor do dia e o moinho ficava do outro lado da vila.

– Agora, Brígida. Para que quando volteis eu já não esteja em casa. Guardai-a bem até ao meu regresso.

Assim que a criada saiu, subi a correr as escadas em direcção à minha câmara e abri o grande baú de roupa branca onde mantinha escondidas, no fundo e entre tecidos finos, as roupas do meu outro eu, Martín Nevares. Tinha-as guardado ali seis meses antes, quando cheguei a Margarita para me ocupar das minhas recém-herdadas propriedades. Por esses tempos, e ainda agora, desejava bem mais ser Catalina do que Martín, ser eu mesma depois de tantos anos a fingir que era o meu pobre irmão morto (ideia gizada pelo meu pai quando me resgatou da ilha para me salvar do terrível casamento por procuração que me havia unido com o baboso desmiolado do Domingo Rodríguez), mas o que não podia imaginar no dia em que abandonei Santa Marta era que, enquanto eu gozava da minha nova condição de viúva livre e acomodada, a minha família ia sofrer as horríveis desgraças que a má fortuna reserva às pessoas boas e decentes.

Despi o corpete, as anáguas e a saia e vesti uma camisa lavada de homem, o gibão, os calções e calcei as botas. De outro baú que mantinha debaixo da cama retirei o meu belo chambergo vermelho, um tanto estragado pela falta de arejamento, e as minhas armas, a minha bela espada rapieira forjada pelo meu verdadeiro pai, ainda em Toledo, e a adaga para a mão esquerda. Ajustei tudo ao cinto e só então me olhei ao espelho para verificar o resultado.

– Bem-vindo, Martín Nevares – disse ao meu reflexo, o de um gracioso moço mestiço, alto em tamanho, forte de braços, de cabelo negro e liso, sobrancelhas largas e olhos brilhantes.

Pronta e satisfeita com o que via, assemei à janela e chamei Rodrigo.

¹ Medida de capacidade equivalente a 4,6 litros.

– Sobe, compadre! – exclamei, e ele, ao erguer os olhos e ver de novo Martín, trocou a expressão seca do semblante por outra sorridente. – Hei mister de uma mula de carga.

– Aqui a tens, irmão! – gritou, feliz, saltando da cadeira e largando a correr para o interior fresco da casa. Em menos de um abrir e fechar de olhos já estava a meu lado.

– Fecha a porta – disse-lhe, enquanto me agachava sobre uma das tábuas do sobrado e, com a ponta da adaga, a separava e levantava. Em seguida, levantei mais três ou quatro.

– Que diabo estás a fazer?

Repousando sobre as grossas vigas de madeira que formavam o tecto do andar de baixo, vislumbrava-se, no escuro, um par de grandes e pesados cofres de ferro.

– Lembras-te do tesouro pirata da minha ilha?

– Por Deus! Como havia de me esquecer?

– Pois aqui está um terço. Sou um homem consideravelmente abastado, irmão – esclareci, vestindo já a minha outra pele –, muito mais do que possas supor. Com o que há nestes cofres poderia comprar toda a Margarita. Muito foi o que achámos na ilha, sem dúvida, mas o meu pai e eu aumentámo-lo ainda mais ao trocá-lo por dobrões de ouro¹.

– Se isto é só um terço onde estão as outras duas partes?

– Em lugar seguro. Uma em Santa Marta e a outra no *palenque* de Sando.

– Em Santa Marta não ficou nada – objectou.

– Calma, irmão, que não havia qualquer tesouro ao alcance de Jakob Lundch. Só o meu pai e eu é que sabemos onde o escondemos e, segundo me disseste, o meu pai já não estava na vila quando lá chegou esse malfadado flamengo. Com isto – e comecei a puxar a toda a força, entre estertores de agonia, o primeiro dos cofres – teremos o suficiente para comprar favores.

– Sai daí! – grunhiu Rodrigo, empurrando-me dali para fora. – Como vais aguentar com esse peso?

Após uma ligeira turbção, premiei a sua delicadeza dando-lhe com o tacção na canela da perna, com tal força que lhe acabou com o alento.

– Rufião maldito, velhaco aldrabão! – vociferei soltando coices a torto e a direito, sem conseguir acertar-lhe porque entretanto se tinha afastado.

¹ Equivalia a dois escudos (escudo duplo, daí o nome de «dobrão») e um escudo equivalia a 400 maravedis.

– Por acaso pensas, miserável vilão, que não consigo fazer isto sozinha porque sou uma mulher? Esquece-te de Catalina! Chamo-me Martín e sou tão capaz como tu de tirar daqui este cofre! Ou não me vias navegar no batel com mais coragem do que muitos dos que lá andavam?

– Por amor de Deus! – deixou escapar, espantado. – Então não havias mister de uma mula de carga? Leva tu o grande tesouro e bem podes ficar com as costas todas deitadas abaixo!

E assim aconteceu, com efeito. Com grande dificuldade, lá consegui chegar ao porto com os meus cofres num carrinho de mão, escondidos dentro de uma grande arca que tapei com os nossos embrulhos e cestos de viagem. Rodrigo, de mãos atrás das costas, caminhou ao meu lado sem me oferecer ajuda. Sem dúvida que a teria agradecido e muito, mas quem semeia ventos colhe tempestades. De qualquer maneira, ele desconhecia que eu, do mesmo modo que cortava o meu cabelo de mulher para que não ficasse comprido, mas antes igual aos dos moços de Tierra Firme, também trabalhava alguns dias na minha latoaria, como qualquer outro trabalhador, para não perder a força que os meus braços e pernas tinham ganho quando navegava na *Chacona*. O que talvez fosse possível que tivesse perdido, admiti com pesar a mim mesma, era a habilidade que tinha nas artes da espada, pois naqueles seis meses não havia tido oportunidade de praticar com ninguém. Esperava que Rodrigo, durante a viagem, aceitasse praticar comigo.

– Encontro-te muito tranquilo, irmão – comentou o meu compadre quando chegámos por fim à enseada. – Eu levei três dias para encontrar uma nau mercante que navegasse até aqui. Que farás com o teu tesouro neste porto até que apareça um barco que te leve a Santa Marta e que, ainda para mais, nos queira levar como passageiros?

Larguei as varas do carro de mão e deixei-o parado sobre a areia.

– Consegues ver – perguntei, levantando o braço e apontando para um pequeno navio de popa direita e pequeno calado que acabava de fundear a meio da enseada – aquele patacho¹ de quarenta tonéis, com o casco pintado de vermelho?

Rodrigo meneou afirmativamente, enquanto olhava para a nau que estava à sua frente.

¹ Embarcação rápida muito usada pelas esquadras no reconhecimento de zonas problemáticas ou para transmitir mensagens. Também conhecidas como «barcos de aviso». (*N. das T.*)

– É o *Santa Trinidad* e pertence a Catalina Solís – informei. – Tenho comigo uma breve missiva escrita pelo seu próprio punho, na qual ordena ao capitão que se ponha ao serviço do seu parente Martín Nevares.

Rodrigo ficou boquiaberto.

– És dono de um patacho de quarenta tonéis? – Não podia acreditar.

– Esta pequena nau – esclareci – foi um capricho tonto ao qual dediquei mais tempo e dinheiro do que ela vale. No princípio de Julho, passou por aqui a Armada de Tierra Firme, com destino a Cartagena, para onde ia recolher a prata do Peru. O *Santa Trinidad* era um dos avisos da dita armada. Estava em mau estado, depois de cruzar o Mar Oceano e, além do mais, o taredo¹ tinha consumido boa parte do casco. Pensei que, se o mandasse reparar, sempre poderia fazer-me ao mar para visitar a minha família em Santa Marta quando me apetecesse. Não voltará a cruzar o Mar Oceano, mas, como aviso que foi, é rápido e serve na perfeição para os meus propósitos.

Não conseguimos reunir todos os marinheiros antes da meia-noite, pelo que zarpámos ao amanhecer e como o mar estava algo picado, tendo bom vento pela popa, deixámo-nos ir fazendo navegação à vista, sem nunca engolfar, tomando o maior cuidado com os bancos de areia que abundam nas Caraíbas e que são tão perigosos para as naus. Por sorte, o velho piloto índio do nosso patacho pouco tinha a invejar ao tristemente desaparecido Jayuheibo no que tocava às artes de marear e não havia mister de cartas nem de portulanos, visto conhecer muito bem aquelas águas.

Assim sendo, içámos as velas e rumámos para Santa Marta e, de acordo com os caprichos da maré, levámos duas semanas a chegar ao nosso destino, tempo durante o qual dei completa conta da minha história a Rodrigo, que muito dela se admirou, mostrando muitíssimo orgulho ao saber o engenho e arte com que o meu pai me tinha preservado das desgraças que haveriam de me afligir se tivesse acabado nas mãos do meu tio e do meu desmiolado marido.

– E está um homem de tão grande coração, como o capitão, preso e agrilhoadado! – bramava, revolvendo-se na coberta como um touro na arena.

Mas eu sentia-me bastante confiante. Algo me dizia que os meus bens fariam bastante por ele, que para começar lhe salvariam a vida e que, caso não pudessem evitar um julgamento, lhe conseguiriam os melhores defensores para que a sua pena fosse insignificante. Com o olhar perdido no mar,

¹ Molusco (*Taredo navalis*) que atacava a parte da madeira do casco que se encontrava submersa na água do mar (as chamadas «obras vivas»).

revia durante horas tudo o que haveria de pôr em prática assim que atracássemos em Cartagena, sendo que uma das coisas, e não a menos importante, era comprar uma casa em que a mãe, uma vez saída do hospital, pudesse convalescer, com algum conforto, das suas penas até os assuntos do meu pai ficarem resolvidos, pois nem ela nem eu iríamos consentir que ele ficasse sozinho nas mãos da tão volúvel e oportunista justiça do rei. Além disso, talvez até conseguisse que Don Jerónimo de Zuazo, em virtude da sua amizade com o meu pai, lhe concedesse um cárcere decente, permitindo-lhe ficar nessa casa que eu ia comprar, sob a guarda e custódia de alguns soldados.

Aos vinte e um dias do mês de Outubro, passadas já as três horas da manhã, os altos cumes da Sierra Nevada de Santa Marta apareceram a bombordo do *Santa Trinidad*, que virou por davante para entrar na baía, deixando a um lado a pequena ilha do Morro. Vista da nau, a povoação parecia um pesadelo: onde antes havia casas, estendia-se agora um manto de cinzas negras sobre o qual alguém tinha construído umas frágeis cabanas e umas poucas choupanas. A residência do governador continuava de pé embora sem tecto e com as alvas paredes manchadas de fuligem. A ermida também se tinha salvo, mas a igreja não passava de um monte de barrotes queimados e o Forte San Juan de las Matas, erguido quatro anos antes, lembrava um galeão torpedeado e afundado em águas pouco profundas.

– Aquilo é o que resta da *Chacona* – disse-me Rodrigo, indicando um bocado de tição da quilha e umas rodas de proa calcinadas que saíam da água. Via-se tanto negro por todo o lado que o verde profundo da selva, o branco das areias e o turquesa brilhante do mar cessaram de existir. Tive sonhos terríveis, nos quais via gente a correr e a gritar no meio da noite, as casas a arder, com chamas que se erguiam aos céus e o sangue da minha família e a dos vizinhos fazendo charcos e grumos na areia.

Ordenei ao capitão do *Santa Trinidad* que atracasse e que nos esperasse enquanto íamos ao *palenque* e voltávamos, e que preparasse o seu próprio camarote para receber um ferido grave. Em seguida, abandonámos o patacho e seguimos a bordo de um batel que nos levou a terra. Um dos poucos vizinhos que tinha voltado e que andava por ali, Tomás Mallol, reconheceu-me de imediato e começou a gritar a grandes vozes:

– Amigos! Eh, amigos! – gritava, agitando no ar o seu chambergo. – É Martín, Martín Nevares! O filho de Esteban voltou!

As cinco ou seis pessoas que tentavam, com dificuldade, reconstruir as suas casas e as suas vidas surgiram do nada e reuniram-se à minha volta para

me abraçar, chorar nos meus braços, dar-me os pêsames e suplicar a minha ajuda, pois se este tinha perdido os filhos, o outro tinha ficado sem a esposa e sem o gado, e outro tinha perdido os pais e a sua oficina. Ficaram muito contentes de saber que a mãe estava viva. Tinham regressado todos a Santa Marta havia pouco tempo, depois de se terem deixado ficar escondidos na selva, com os índios, recuperando-se tanto do medo como das feridas.

De súbito, perto de uma das novas cabanas, preso pelas rédeas a um ramo, vi *Alfana*, o corcel zaino do meu pai, com o nariz no chão, farejando a porcaria.

– *Alfana!* – chamei. Aprumou o pescoço e as suas orelhas voltaram-se na minha direcção. Ao reconhecer-me, soltou um breve relincho e mordeu um pouco o freio, puxando o bridão com todas as forças.

– Fugiu durante o assalto – explicou-me o vizinho Juan de Oñate. – Regressou ontem, como se soubesse que ias chegar hoje. Tem feridas na crina e na garupa, mas já estão a sarar.

Passei um braço sobre as crinas de *Alfana* e acariciei-lhe a cabeça.

– Onde estão os outros animais da casa? – perguntei. A mãe gostava muito de dar guarida a todo o tipo de animais que ficavam a fazer parte da família.

– Vá-se lá saber! – lamentou-se Rodrigo.

– Queres vir comigo procurar a mãe ao *palenque* de Sando? – disse eu ao corcel pondo a minha boca ao lado de uma das suas orelhas pontiagudas. *Alfana* empinou-se com força e rapidez, como um jovem potro.

Libertei as rédeas do ramo a que estavam presas e, puxando-as, caminhei em direcção aos outros.

– Fazei-nos a mercê, vizinhos, de nos emprestar outro cavalo. Temos de ir buscar a mãe.

Deixámos Santa Marta pelo caminho dos hortos e cruzámos, pelo meio da tarde, o rio Manzanares. Em breve ficaríamos rodeados pela escuridão da noite. *Alfana* não soltou um único queixume, mesmo que, ao correr a rédea solta, a sela lhe roçasse a ferida da garupa (que eu já lhe tinha limpo e coberto com ligaduras e unguento de alecrim). O outro cavalo, montado por Rodrigo, esse sim enervou-se um pouco quando acendemos as tochas de alcatrão, pois ainda recordava o fogo do assalto dos piratas. A alba surpreendeu-nos já às portas do *palenque*. Os vigias nocturnos viram as nossas luzes e, enquanto desmontávamos, perguntaram-nos qual a nossa graça e, ao saber quem éramos, começaram a anunciar a nossa chegada em altos gritos. Antes de a paliçada se nos abrir, vi do outro lado os rostos risonhos

de Juanillo, o grumete, e de Sando, o filho do rei Benkos, que sorria, sim, mas com esforço, com fingimento. Soltei *Alfana* e avancei na sua direcção.

– Dá-me boas novas, irmão – exclamei enquanto o apertava pelos ombros e o sacudia em todas as direcções –, ou juro-te que enlouqueço!

– Eh, compadre! – queixou-se. – Solta-me! A senhora María está bem! Que receias? Solta-me!

Fiz o que me pedia, mas sem acreditar nas suas palavras. Juanillo, já tão alto como Rodrigo, pôs-se atrás dele para contemplar o acontecimento, divertido.

– A mãe não morreu...? Então, por que puseste esse triste sorriso ao ver-me?

Sando pegou-me no braço, depois de fazer uma breve saudação a Rodrigo e sorrindo, agora sim, com sinceridade, arrastou-me até ao interior do *palenque*.

– Tenho mau acordar, irmão Martín! Que cara queres que tenha se, ainda por cima, são os gritos do corpo da guarda que me arrancam da cama?

– Então, a mãe está bem? – perguntei, aliviada.

– Acompanha-me.

Dei um abraço a Juanillo, que já estava um bom palmo mais alto do que eu e, ambos com Rodrigo, empreendemos o caminho na peugada de Sando, pelas ruelas abertas entre as choupanas até chegar ao pé de uma maior. Muitos antigos escravos negros fugidos, conhecidos como chimarrões ou apalencados, juntavam-se à entrada movidos pela curiosidade.

– Dais a vossa permissão, senhora María – gritou Sando.

– Entra, entra... – declarou uma voz que embora rouca e ofegante era, sem dúvida, a da mãe. Senti-me feliz.

– Vede quem veio, senhora María! – exclamou ele, levantando o pano que fazia de porta. Rodrigo e eu entrámos encolhidos. Um par de buracos abertos nos troncos e ramos que formavam as paredes deixavam entrar a débil luz da manhã. Sobre um leito modesto, coberta por um lençol de linho fresco e limpo e apoiando as costas nas grandes almofadas, estava a mãe, com a sua mesma cara larga, o seu nariz afilado, e o seu olhar de falcão. Tinha o cabelo apanhado numa pequena rede, e parecia estar nua por baixo do lençol. Que feliz me sentia de voltar a vê-la e sobretudo de a ver viva!

– Martín, filho! – exclamou ao reconhecer-me, estendendo-me uns braços cobertos de ligaduras que deviam doer muito, a avaliar pela expressão da sua cara.

– Tenho para mim, mãe – repliquei, aproximando-me e agarrando-lhe apenas as mãos –, que é melhor não me encostar demasiado a ti para não te magoar.

– Como se sente, mãe? – saudou-a Rodrigo, aproximando-se também. Ela olhou-o com gratidão e apreço. – Obrigada por trazeres o Martín, Rodrigo – disse-lhe com um sorriso zombeteiro. – Agora já estás na posse de toda a verdade, não é? Pois de outro modo não terias conseguido encontrá-lo.

– É verdade, mãe – replicou Rodrigo. – A viúva de Margarita a que vossa mercê me remeteu mandou-o chamar logo de seguida. É verdade que a tal Catalina Solís é uma mulher de grande beleza e de gracioso porte. Uma autêntica beldade. Teríeis feito um grande negócio com ela na mancebia.

Espetei o tacão da bota, com toda a alma, no seu pé, mas o velhaco continuou a sorrir como se nada fosse. A mãe soltou uma gargalhada e, largando-me, levantou com pudor a beira do lençol. Apesar dos seus já muitos anos (a sua idade devia rondar os cinquenta), a mãe continuava a ser uma mulher bonita.

– Catalina Solís é uma viúva honesta, Rodrigo – disse-lhe, zombeteira. – Deixa-a lá em Margarita e que coma o pão com a sua castidade. – O rosto entristeceu-se-lhe nesse preciso instante. – Agora que o Martín voltou (senta-te na beira da cama, filho), já podemos resgatar o Esteban, o meu pobre Esteban. – Da sua garganta saiu um gemido que parecia uma tempestade; em muito mal estado devia ter o peito se o ar lhe fazia aqueles ruídos lá dentro. – Causa-me enorme pesar pensar no só e abandonado que se encontra nessa lúgubre masmorra de Cartagena! É preciso tirá-lo de lá, Martín! Faz o que for preciso, mas trá-lo de volta a Santa Marta!

– Fá-lo-ei, mãe – repliquei, acariciando-lhe uma mão para a acalmar –, mas fá-lo-emos juntos. Tu virás com Rodrigo e comigo. Hei mister de ti para pôr em execução muitas coisas importantes. Contudo, antes irei levar-te ao Hospital do Espírito Santo, para que um médico te cure as queimaduras e te alivie o peito.

– Mas eu estou bem, filho! – afirmou, abrindo muito os olhos com incredulidade. – A única coisa que me mortifica é não poder fumar. Será que não vês como me mexo bem e não ouves como falo bem? Rodrigo!

O meu compadre deu um passo em frente.

– Rodrigo – continuou ela –, conta ao Martín como eu estava antes de saíres daqui.

– Já lho contei em Margarita, mãe. Além disso, até lhe disse que temia encontrar-te morta à chegada. Por isso estou tão admirado de te encontrar em tão bom estado e tão vigorosa.

– Estás a ouvir, Martín? E devo isto tudo a essa mulher aí, Damiana Angola – disse apontando para uma negra de meia-idade, de rosto grosseiro e de baixa estatura, que se tinha retirado para o fundo da choupana. – A Damiana é uma curandeira das boas, das antigas, das que havia em Sevilha quando eu era jovem e trabalhava no Compás¹.

A chimarrona, que usava os cabelos crespos apanhados numa coifa de fustão, sorriu e ao fazê-lo a marca do ferrete do esclavagista destacou-se na sua bochecha direita. Era um H, muito grande e muito antigo, pois a pele havia recuperado o seu tom escuro e só brilhava um pouco com a luz de través, como acontece com as jóias.

– Leva a Damiana contigo, mãe – propôs Sando, do pé da porta. – Ela gosta muito de ti e vai adorar acompanhar-te.

A mãe olhou-o com grande dureza e ele amedrontou-se.

– Perdi tudo no assalto dos piratas. Como poderia pagar os serviços de uma curandeira tão boa? Dantes, eu era uma mulher com uma boa situação, rapaz, mas agora não me resta nada.

– Para isso estou cá eu – disse, respondendo-lhe. – A partir de agora encarrego-me dos teus gastos e das tuas necessidades.

– Não há mister de caridade! – exclamou, endireitando-se com dignidade, ainda que agarrando com pudor o lençol que a cobria. – Há mister do resgate do teu pai!

– Então não discutas tanto e levanta-te da cama – ripostei-lhe, pondo o chambergo e dirigindo-me para a saída da choupana. – Espero-te lá fora, mãe. E tu, Damiana, desejas entrar ao meu serviço ou ficar no *palenque*? Fazia-me jeito uma boa criada a quem entregar o governo da casa que vou comprar em Cartagena e que ao mesmo tempo possa cuidar da mãe. Ofereço-te um salário de três ducados² anuais. E, claro, roupas, calçado, comida e alojamento.

Era uma excelente proposta, mais do que se pagava a um criado livre, varão e branco, mas como tinha visto que a mãe a apreciava muito e dizia que a sua quase miraculosa recuperação era devida aos seus cuidados de conhecedora, pareceu-me que devia tratá-la com especial respeito.

– Cama e comida já me bastam, senhor – alegou Damiana, secando as mãos com um bocado de pano.

¹ O Compás de la Laguna era a zona de prostituição da Sevilha do Século de Ouro.

² Moeda de ouro equivalente a 375 maravedis.

– Nada disso, nada disso, Damiana! – exclamou a mãe, agitando uma mão desagradada, em frente à chimarrona. – Se o meu filho faz gosto em te pagar um bom salário, vais aceitá-lo e não se fala mais nisso!

Como aquela discussão já era coisa de mulheres e eu não queria que Rodrigo me visse interessada nem que Sando pensasse que me ocupava destes assuntos, com passo firme abandonei a choupana e reuni-me com os meus dois compadres na rua.

– Vou já de seguida mandar que preparem umas padiolas – disse-me Sando.

– E empresta-me dois homens fortes e um par de cavalos. Assim que regressarem, enviar-te-ei com eles o *Alfana*, o corcel do meu pai, para que cuides dele na nossa ausência.

– Tudo aquilo de que precisares, irmão. Como irão chegar a Cartagena?

– Temos um barco na enseada de Santa Marta – repliquei.

– Aqui onde o vês, possui um patacho de quarenta tonéis! – atirou-lhe Rodrigo, cheio de admiração.

Sando largou a rir.

– Já sei que o nosso Martín é um homem rico! – exclamou. – Que boa ventura a dessa viúva de Margarita a quem, não duvido, cumulas de bons presentes, irmão! Mas com certeza que queres levar parte do que tens aqui.

Percebi de imediato que ele falava da terça parte do meu tesouro que estava à sua guarda.

– Tudo, compadre. Receio que em Cartagena me vá fazer muita falta.

Ele assentiu, compreensivo.

– Salva o teu pai, Martín. A justiça do rei de Espanha não é boa. É má. Não confies em ninguém.

– O rei Benkos conhece a nossa desgraça? – quis saber, por falar em reis.

– Tenho a certeza de que ainda a ignora! – disse Sando, assustado. – E espero que as novas tardem a chegar ao seu *palenque*! Tu sabes o que pensa dos espanhóis e que não se importava nada de esfaquear uns quantos. Formaria um exército de chimarrões para assaltar a cidade e libertar o teu pai. Ainda está convencido de que é um grande rei africano.

Partimos uma hora depois em direcção à costa e não chegámos a Santa Marta antes do anoitecer do dia seguinte, depois de ter desenterrado os dois últimos cofres do meu tesouro que continuavam escondidos perto de Manzanares. Foi uma dura empresa atravessar a selva com a mãe na padiola, apesar de ela nunca se queixar, enquanto Damiana procurava o seu bem-estar com carinho e esmero. Na povoação, quando os vizinhos souberam da

nossa chegada, acudiram a saudá-la tristes e, enquanto os chimarrões levaram as nossas coisas e as da mãe para o patacho, ela passou um mau bocado a falar da sua mancebia desaparecida, das moças falecidas, da perda da *Chacona* e da sua tripulação, e da injusta detenção do meu pai. Num descuido, surpreendi o seu olhar aflito que fitava o que restava do que antes tinha sido a nossa casa e jurei a mim mesma que mandaria reconstruí-la tal como era antes do ataque de Jakob Lundch, para que o meu pai e ela pudessem regressar ao seu lar como se nada de mau tivesse alguma vez acontecido.

Mal acabávamos de zarpar em direcção à nau, a remar, ainda a menos de vinte varas da orla costeira, fomos detidos por gritos.

– Mãe, mãe! – Quem a chamava era um rapazito mestiço com uns seis ou sete anos, descalço e com os calções coçados, que corria para a água com dois grandes papagaios verdes nos braços. Mal podia com o peso das aves e estas chilreavam e esvoaçavam, assustadas com a correria.

– Os meus papagaios! – gritou ela, feliz.

Mal as aves a viram, levantaram voo. A mãe escondeu os braços atrás das costas para que elas não a magoassem por causa das queimaduras e pou-sassem, tal como aconteceu, nos seus ombros. Pelo menos, de toda a nossa parentela animal, *Alfana* e as aves tinham-se salvado. Também a mim me deu alegria recuperá-las. Viriam connosco e seriam um motivo de distração para os maus dias que ainda tivéssemos de suportar.

O esquife, sem recolher o pano para aproveitar o vento de feição, venceu com as velas todas desfraldadas as parcas trinta léguas que nos separavam da formosa cidade de Cartagena, e assim, em menos de dois dias já nos achávamos em frente ao porto, prestes a deixar para trás a ilha de Caxes. Eram tantas as naus que entravam e saíam que era custoso marear sem arranhar os cascos e podia-se com facilidade ver as caras dos homens que andavam na faina, nas cobertas. E assim reparei em alguns velhos amigos do meu pai, mercadores, gente de trato como ele, que partiam para comerciar por toda a Tierra Firme. Posto que o bom do nosso compadre Juan de Cuba não conhecia a minha nau *Santa Trinidad*, não deu pela nossa presença ao passar defronte de nós com a sua formosa zabra¹, a *Sospechosa*. Rodrigo e eu, com grande alvoroço, aos gritos, chamámo-lo até quase ficarmos sem fôlego, mas, antes que as nossas rotas nos separassem de vez, Juan de Cuba deu por nós e reconheceu-nos. O seu semblante mudou e começou a dar

¹ Barco pequeno e ligeiro, com dois mastros em forma de cruz, originário do Cantábrico.

ordens para retardar o seu barco e a pedir-nos, com gestos, que fôssemos ao seu encontro. Agitava os braços e gritava «*Santa Trinidad*, pára!», o que nos causou grande preocupação. O mestre do meu barco aproximou-se de mim.

– O que deseja vossa mercê que eu faça?

– Solta as escotas – disse-lhe.

– Estamos na entrada do porto, senhor – objectou.

– É um sítio ideal para fundear um patacho.

Enquanto isso, o *Santa Trinidad* estava a orçar para aproar ao vento. Pouco depois, já parados e ancorados, vimos Juan de Cuba a descer para um batel que tinham deitado ao mar.

A mãe apareceu então na coberta, com os seus papagaios aos ombros. O sol revelou no seu rosto o muito cansaço e a debilidade que a prostravam.

– Que se passa? – perguntou, olhando em redor.

– Vem cá, mãe – chamei-a. – Juan de Cuba vem saudar-nos.

Ficou animada e sorriu, apressando o passo.

– Vai dar-nos novas do Estebanico – afirmou, contente.

Os homens de Juan de Cuba remavam com determinação e num ápice acostaram ao nosso barco. Descemos a escada de estibordo e de Cuba iniciou a subida. Num instante chegou ao pé de nós e Rodrigo e eu ajudámo-lo a alcançar a coberta. Pôs as mãos nas ancas e com o olhar procurou e encontrou a mãe. Abraçou-a de imediato e lágrimas amargas caíram-lhe dos olhos. Os papagaios voaram então e foram poisar nos enfrechates do mastro principal.

– María, María... – lamentava-se.

Ela, com o medo colado no rosto, afastou-o.

– Juan! O que se passa, Juan? – perguntou-lhe enquanto as lágrimas continuavam a brotar ao mercador. – O Esteban morreu? Fala, por amor de Deus! O Esteban está morto?

– Não, María, não está morto – murmurou ele por fim, limpando os olhos e as faces com as mãos. – Não sei se não seria melhor – disse e suspirou profundamente. – Condenaram-no às galés.

– Como diz vossa mercê? – proferi, morta de angústia.

Em poucas palavras, deu-nos conta do sucedido: o meu pai tinha recebido um castigo público de trezentos açoites na praça principal da cidade, no sábado, aos dezasseis dias do mês de Setembro. Depois de um julgamento rápido, fora apenas condenado a cinco anos nas galés por ter vendido armas de contrabando a inimigos do império. A sua velhice tinha-o

salvo da pena de morte. Embarcou então, carregado de grilhões, na nau capitânia da Armada de Tierra Firme (a mesma armada que eu vira passar por Margarita no mês de Julho), e partiu com ela rumo a Havana poucos dias depois. Não se soubera mais nada dele.

– Para dizer a verdade – terminou –, ainda que nós, os seus compadres, lhe tenhamos feito chegar alimentos, roupas e remédios que enviámos aos calabouços do governador, de nada lhe deve ter servido, porque quando embarcou no galeão não só não nos reconheceu, como andava como um bêbedo, aos tropeções e vacilante, com o olhar turvo e as roupas sujas.

A mãe chorava, desconsolada, entre os braços do mercador, o qual, como um velho parente, a agarrava pelos ombros e lhe acariciava a cara.

– E tu, rapaz – disse-me de Cuba, semicerrando os olhos –, farias melhor se te afastasses de Cartagena ou de qualquer outra cidade de Tierra Firme. Acaso não sabes que corres perigo? É uma loucura insistir em marear nestas águas!

– Que perigo corro, senhor Juan? – perguntei, assustada.

– Por acaso não sabes que existe um mandado contra ti pelos mesmos delitos que o teu pai? – Abanei a cabeça, com o juízo alterado. Juan de Cuba suspirou. – Os meirinhos e os esbirros andam à tua procura nas principais povoações da costa. Em Nova Espanha até me disseram que vão reclamar-te com editais e pregões e, se alguém te vir e te denunciar, estás perdido. Não vás a Cartagena por nenhuma razão, pois nenhuma é decerto mais importante do que a tua própria vida.

– O governador enlouqueceu? – perguntou Rodrigo aos gritos, agarrando a sua espada.

– Fala baixo, mentecapto – atirou-lhe o senhor Juan –, não se sabe quem pode estar a ouvir.

A mãe, desesperada, ergueu a cabeça do peito do mercador.

– O destino assim o quis, Martín – soluçou, entre pieiras e tosses. Aproximei-me com urgência para a abraçar. – Posto que não podes ficar aqui sem arriscar a tua vida, vai em busca do teu pai, resgata-o e devolve-mo.

– Vou para onde, mãe? – balbuciei, incrédula, sem alento nem força no corpo. Eram tantos os infortúnios que se abatiam sobre nós que a razão não chegava para compreender o que a mãe tentava dizer-me.

– Para Espanha, filho! Para Sevilha! – ofegou, furiosa. – Tens de ir a Sevilha, Martín! É lá que retêm os condenados às galés até que embarquem para remar.

– Para Espanha?

A mãe olhou-me com desprezo e afastou-me dela com um empurrão.

– És tolo, Martín? – bufou. – O teu dever é salvar o teu pai!

Ainda que entorpecida e estupidificada pela minha perturbação, reconheci que era o mais acertado. Já não tinha ânimo, nem conseguia aguentar mais, pensar no meu pai atado e enfermo, morrendo sozinho do outro lado do Mar Oceano.

– És seu filho! – gritava-me ela, fora de si, sem fôlego. – Ele salvou-te e tu deves-lhe tudo! Decerto que o meu pobre Esteban está à espera de que sejas a lima das suas correntes e a liberdade do seu cativeiro!

Embora não conseguisse pronunciar um único som, o meu coração reconhecia a justeza das suas palavras. Catalina Solís devia tudo a Esteban Nevarés, até a vida. Como negar-lhe, então, o mesmo que ele me tinha dado?

– Acalma-te, mãe – sussurrei. – Irei a Espanha, a Sevilha. Não hão-de tocar no meu pai, nem com um único dedo. Irei procurá-lo, resgatá-lo-ei e trá-lo-ei de volta a Tierra Firme.

Ao ouvir-me, María Chacón acalmou-se. Deixou de tossir e começou a respirar com maior soltura, embora o peito continuasse a produzir uns ruídos bastante feios.

– Devo ir-me já embora, María – anunciou Juan de Cuba, ajeitando o gibão. – Tenho compromissos importantes em Trindade, que não posso descuidar.

– Aguarde vossa mercê um momento, senhor Juan – soltei de improviso, sem eu própria poder acreditar no que ia dizer. – Em quanto estímais o preço da vossa nau?

O meu esquite, no estado em que estava, não podia enfrentar os perigos de uma travessia tão difícil como a do regresso a Espanha, mas a zabra de cem tonéis do senhor Juan não só podia fazê-lo como até o faria em quatro ou cinco semanas, dependendo do mar, mesmo levando o porão cheio e carregando toda a sua artilharia. Se a Armada de Tierra Firme tinha partido de Cartagena pouco depois de passados os dezasseis dias do mês de Setembro, e se tinha feito aguada em Havana e zarpado rumo a Espanha com o seu carregamento de prata do Potosí, por estes dias estaria ainda longe de atracar na Terceira¹. Caso tudo tivesse corrido bem, chegaria a Sevilha em meados de Dezembro. Como estávamos no final de Outubro, se eu pudesse dispor da veloz zabra do senhor Juan, arribaria quase ao mesmo tempo que a armada.

¹ No arquipélago português dos Açores.

– Por que queres saber o preço da minha nau, rapaz? – estranhou o comerciante.

– Por acaso não acabais de ouvir que devo ir a Sevilha resgatar o meu pai?

– Com a minha zabra? – ofendeu-se. – Não poderias dar-me o que ela vale, Martín Nevares, nem mesmo se trabalhasses toda a vida.

– Experimentai – desafiei-o.

– Não, não vou perder tempo com isto. – Voltou-se para a mãe e tomou-lhe uma das mãos. – María, cuida de ti. Faz-me chegar novas tuas sempre que tenhas ocasião.

– Eh, mercador do diabo! – exclamei, imitando os modos que meu pai usava para o tratar, quando se encontravam, no mar ou em terra. – Dizei-me já quanto pedis por essa barca de pesca, ou juro que vos trespasso com a minha espada.

Juan de Cuba virou-se na minha direcção, comovido, com um sorriso no rosto.

– Falas como o teu pai, rapaz, mas insisto em que não podes pagá-la.

– Dá-lhe um valor – sussurrou a mãe, apertando-lhe a mão, com força. O mercador estava cada vez mais surpreendido.

– Queres dizer que tem bens?

– Escutai, senhor Juan – disse ao mercador. – Desejo fazer um bom trato convosco. Vós vendeis-me a zabra com toda a sua carga e marinharia e ainda ficareis com a mãe e cuidareis dela até à minha volta, e eu pago-vos o que me pedirdes sem regatear nem um maravedi. Dizei-me quanto quereis.

Juan de Cuba olhava para a mãe e para mim, sem saber se havia de nos crer ou se zombávamos dele.

– Suponho, rapaz, que conheces o decreto real que obriga a cruzar o Mar Oceano navegando de conserva, com as frotas. Se algum galeão das armadas te descobrisse mareando sozinho, considerar-te-ia pirata ou corsário e afundar-te-ia antes que conseguisses dizer ámen.

– Sei-o muito bem, senhor Juan – afirmei.

– E suponho ainda que também sabes que não podes entrar sozinho em nenhum porto de Espanha.

Assenti.

– E, por último, suponho que sabes – o preocupado mercador desejava certificar-se de que eu percebia com clareza o enorme risco que corria – que as águas do Mar Oceano estão infestadas de piratas e corsários estrangeiros que andam à caça de naus espanholas.

Assenti de novo. Juan de Cuba suspirou.

– Bem, seja. Nesse caso, a minha zabra é tua. Paga-me por ela o que consideres justo, mas sabendo que tudo o que tenho no mundo está nos seus porões. As provisões que tem são bastantes para a travessia. Há fruta, carne, peixe salgado, velas, vinho... Talvez careças de mais água. Dos homens apenas posso dizer que são livres para decidir se te acompanham na tua viagem ou se preferem conservar a vida e regressar para as suas famílias.

Ficámos todos mudos por um momento e, no silêncio, ouviu-se a respiração ruidosa da mãe. Olhei para Juanillo e Rodrigo.

– Vindes comigo?

Ambos assentiram. Juanillo, para quem Espanha era apenas um lugar distante e estranho do qual chegavam as frotas e as leis que governavam o Novo Mundo, mostrava uma cara assustada. Na face de Rodrigo apenas se encontrava determinação.

Naquela noite, paguei a Juan de Cuba dois mil e quinhentos escudos (um milhão de maravedis) pela *Sospechosa* com todas as suas mercadorias. Apenas dez homens, dos trinta que formavam a sua tripulação, se decidiram a acompanhar-me. Os outros foi preciso ir buscá-los às tabernas do porto de Cartagena, sabendo de antemão que aí apenas encontraríamos rufiões e meliantes. Desse árduo trabalho se encarregou Rodrigo, e Juanillo ficou com a incumbência de comprar os odres e tonéis de água doce. Entretanto, a mãe despediu-se de mim com grandes lamentos e muitas lágrimas e entregou-me uma carta de apresentação para uma grande amiga sua de Sevilha, uma tal Clara Peralta, prostituta como ela do Compás, nos seus tempos de juventude. Tinha-a escrito naquela mesma tarde.

– Éramos como irmãos – disse-me entre suspiros. – Nesta missiva explico o motivo da tua presença em Sevilha e peço-lhe que te trate como a um filho, que te dê casa e comida e que cuide de ti e te proteja como se fosse a mim. No caso de a Clara já ter morrido, o seu nome e o meu abrir-te-ão as portas das melhores mancebias da cidade. Ali encontrarás refúgio.

– Não te preocupes, mãe. Farei tudo como dizes.

– É mais uma coisa! – exclamou, erguendo uma mão no ar para antecipar qualquer objecção. – A Damiana vai contigo.

– Damiana! – vociferei. – Ah, não! Isso nem pensar, mãe. A Damiana fica aqui em Cartagena, em casa de Juan de Cuba, para cuidar de ti até que te encontres restabelecida.

– A Damiana – silabou com tal ardor e força que me assustou – é a melhor curandeira que conheci até hoje. O teu pai terá muito maior necessidade

dela do que eu. Quero que o meu Esteban regresse são e salvo, tal e qual estava no dia em que o levaram.

– Mas... tem a marca do ferrete de escrava!

– Ela concorda em acompanhar-te – explicou-me. – Não tem cartas de alforria, de modo que terás de falsificar algumas ou fazê-la passar por tua escrava. A minha irmã Clara poderá dar-te os nomes de um ou dois bons forjadores de documentos ilícitos.

E, assim dizendo, estreitou-me entre os seus doloridos braços e beijou-me com carinho no rosto.

– Volta em breve e volta com o teu pai – murmurou-me ao ouvido antes de me soltar e de girar sobre si mesma para se dirigir à borda, onde se encontrava a escada de quebra-costas por onde tinha de descer até ao batel do senhor Juan que ia levá-la ao porto de Cartagena. Os dois enormes papagaios verdes, que não haviam saído dos enfrechates durante todo o dia, levantaram voo atrás dela e desapareceram da minha vista.

Também eu devia partir. A minha nova nau, a *Sospechosa*, esperava pelo seu mestre. Em breve nos afastaríamos de Tierra Firme e era minha obrigação traçar até Espanha um rumo que se mantivesse o mais longe possível das rotas habituais das frotas, armadas e piratas. Por fortuna, o meu pai sempre se empenhara (algo que então parecera absurdo) em que eu aprendesse a ser um bom piloto e mareante. Agora, dava graças à sua obstinação e à sua estranha visão do que uma mulher podia e devia executar.

Quando pisei pela primeira vez a coberta da *Sospechosa* soube que, de certa maneira, tinha iniciado outro dos destinos da minha vida. O primeiro fora a minha ilha deserta, que me proporcionara a experiência e a riqueza que agora propiciavam a empresa que tinha por diante; o segundo, a casa de Santa Marta, o meu primeiro lar desde que abandonara Toledo em mil quinhentos e noventa e oito; e o terceiro, a *Sospechosa*, uma zabra rápida de velas latinas com a qual ia cruzar o Mar Oceano, na qualidade de mestre. Quão diferente era esta viagem daquela que me trouxera ao Novo Mundo, quando eu era apenas uma criança inocente que haviam casado por procuração com um desmiolado!

Durante as seguintes cinco jornadas, fomos completando a tripulação, compondo a provisão de mantimentos, enchendo os porões de tonéis de água e odres de vinho, preparando a zabra para a viagem, embarcando pólvora e projecteis de ferro para os falcões, bem como arcabuzes e mosquetes para os homens. Despedi-me do *Santa Trinidad* ordenando ao seu mestre que seguisse para Cartagena e se pusesse, em primeiro lugar, às ordens de

María Chacón e, depois, às do mercador Juan de Cuba. Qualquer serviço ou trabalho que eles solicitassem ao esquife devia ser executado sem discussão. Catalina Solís tinha deixado bem claro que o seu parente Martín Nevares podia decidir o que quisesse no que à nau dizia respeito e Martín Nevares entregava-a a María Chacón para que, na ausência daquele, fizesse com ela o que lhe desse na gana.

Zarpámos de Cartagena na segunda-feira, aos trinta dias do mês de Outubro, do ano de mil seiscientos e seis, com rumo a Santo Domingo, na ilha La Española, e daí, sem perder de vista a costa, passando perto de Mona e do cabo San Rafael, rumámos, de noite e com vento de terra, para Espanha – nor-nordeste – e naquele primeiro dia no Mar Oceano navegámos vinte léguas. Nas jornadas seguintes, em algumas ocasiões, tivemos de aproar a norte e noutras de meter a proa a quarta de nordeste e achámos muita erva dessa que há no mar. O vento refrescou e não era muito bom para seguir para Espanha. Os homens trabalharam muito para governar a zabra e para a manter limpa. Ao sétimo dia tivemos de mudar de rumo, alternando entre o lés-sueste e o sueste, mas avançámos quase trinta léguas. Depois, encontramos a primeira calmaria das várias que sofremos durante a viagem. O ar aquietou-se sobre o mar e estivemos parados dois dias inteiros. Vimos muitos atuns e peixes dourados, e pescámos alguns para os cozinhar. No dia em que se volviam quinze dias sobre a nossa partida de La Española vimos o mar tão coalhado de erva que tememos ter enalhado em baixios¹. Rodrigo perguntou-me, inquieto, se me achava completamente segura da rota que tinha escolhido e, embora lhe tivesse dito que sim, por minha fé não estava assim tão segura. Tinha traçado uma rota intermédia entre a da ida ao Novo Mundo, por sul, e a do regresso a Espanha, por norte, mas desconhecia o que ela poderia fazer-nos encontrar e aquela erva tão espessa era algo estranho para mim. Mandei lançar uma sonda e, por fortuna, a cento e cinquenta braças ainda não alcançava o fundo. O assunto durou muitos dias e deparámo-nos com mais calmarias que nos fizeram temer que jamais conseguíssemos chegar a Espanha. Mas eu confiava no astrolábio e no quadrante e seguia de perto a Estrela do Norte que, essa sim, me parecia demasiado alta para a nossa posição.

Em breve, a erva desapareceu e regressaram os bons ares e o mar chão e limpo. Começámos, também, a ver muitas aves no céu, pelo que acreditámos

¹ Trata-se do mar dos Sargaços, em pleno oceano Atlântico.

estar, por fim, perto de terra. O frio aumentou tanto naquelas novas águas que, sem as roupas adequadas, havíamos mister de nos abrigar com grandes e perigosos fogos, que acendíamos no convés e que conservávamos acesos todo o dia. Damiana, a curandeira, que se dedicava a deixar-se ficar bastante longe da coberta e próxima da maca que tinha sido disposta no acesso ao meu camarote, ofereceu-se para coser umas camisas, feitas com o tecido de lona e o grosso fio de cânhamo que levávamos para reparar as velas. Era uma mulher silenciosa e eficaz, que fazia do silêncio serviço e pequenas obras. Preocupava-me que a sua ausência de Cartagena prejudicasse a saúde da mãe, mas, como ela o tinha querido assim, esperava que, uma vez em Sevilha, Damiana pudesse, na verdade, ajudar o meu pai.

O dia em que se volvíam trinta dias sobre a nossa partida de La Española, o vento aumentou. As ondas começaram a rebentar em sentidos diferentes, umas de encontro às outras, e a *Sospechosa* não conseguia avançar entre elas. O vento continuava a aumentar e o mar a crescer. Os homens faziam mil votos e oferecimentos a todas as imagens e santuários que conheciam. Mandei recolher as velas. Após seis horas nestas condições, com o céu mais negro que alguma vez tinha visto, apesar de ainda ser só meio-dia, dávamo-nos por perdidos. Eu lamentava-o pelo meu pai que, sem o meu auxílio, morreria, e pela mãe, a quem isso deixaria triste, com o coração despedaçado. Nesse momento, o piloto, Luis de Heredia, pediu para falar comigo e advertiu-me de que ainda corríamos maior perigo por a nau sofrer de falta de lastro, aliviada que se encontrava da sua carga por termos comido os mantimentos e bebido o vinho e a água e que conviria encher os tonéis, odres e pipas vazias com água do mar. Assim fizemos, enquanto a tormenta no-lo permitiu, com o que conseguimos em parte remediar o problema e, embora as turbulências e aguaceiros continuassem por mais cinco horas, o céu começou a mostrar-se claro das bandas de este e o vento mudou para aí. Naquele momento, ouvimos um grito: – Terra à proa!

Juanillo, que já não era grumete e, sim, marinheiro, havia visto terra a lés-nordeste. Já sabia que estávamos perto da ilha da Madeira. Passámos a noite toda barlaventeando a ilha e, após o nascer do Sol, navegámos à volta da ilha a ver onde poderíamos atracar e fazer aguada. Chegámos a uma enseada na parte norte e ordenei que se deitasse âncora e que quatro ou cinco homens fossem a terra com o batel.

Ao voltar, contaram que haviam estado com gentes da ilha e que tinham sabido que se tratava, com efeito, da ilha da Madeira, e mostraram o que

tinham comprado: galinhas e pão fresco, água doce em abundância e um vinho muito bom, bem como porco curado e frutas. Com tudo isto nos porões, dispus-me a partir, pois a dita enseada não era um bom porto e temi que se quebrassem os cabos da âncora. Seguimos o nosso rumo deixando para trás, no dia seguinte, a ilha de Porto Santo. Espanha estava a um tiro de pedra. Contudo, se fosse o caso de toparmos com galeões das armadas ou com barcos piratas seria dali em diante. Uma vez passado o cabo de São Vicente, na própria ponta da península, nenhum perigo nos assaltaria, pois passaríamos a ser uma zabra mercantil procedente de Sevilha com rumo a Lisboa mas, até ao cabo, para quem quer que se cruzasse connosco, éramos, sem dúvida, uma zabra procedente das Índias.

E, sim, vimos naus em abundância, mas nenhum galeão armado nem tão-pouco qualquer pirata inglês, francês, flamengo ou berbere. Eram todas naus mercantes, portuguesas, na grande maioria, que deviam levar carregamentos de negros de África. A boa estrela acompanhou-nos e chegámos, nordesteando, ao cabo de São Vicente aos oito dias do mês de Dezembro. Poucas jornadas depois arribámos à boca do rio de Lisboa, à Costa de Caparica, onde com grandes prevenções e tendo-se já posto o Sol, atracámos no porto de Cacilhas. Ali iria ficar a *Sospechosa* até ao nosso regresso, e o seu piloto, Luis de Heredia, far-se-ia passar por mestre quando subisse a bordo o visitador real, se é que subiria, pois, segundo me tinham assegurado, Cacilhas era um desses portos nos quais qualquer nau podia atracar sem sobressaltos, em especial se se achasse fora-de-lei.

Rodrigo, Juanillo, Damiana e eu esperámos o clarear do dia e fomos então para terra. Fizemo-nos acompanhar de três marinheiros que nos auxiliaram com os nossos pesados baús. Ali mesmo, em Cacilhas, comprei um velho carro, cavalos e roupas de viagem para os quatro: Juanillo enfiou na cabeça, com alegria, um feio chapéu de feltro, sem pano nem cordões e já algo descosido, e fez todos os possíveis por enfiar os pés numas apertadas botas de pele ensebada, mas não conseguiu por falta de hábito. Damiana cobriu-se com um manto pequeno e outro grande que chegava para lhe tapar a cabeça e para a envolver inteira; e Rodrigo e eu, que conseguimos calçar umas botas boas e robustas, cobrimos os corpos com dois grossos gabões lombardos de cor verde e os rostos com óculos de viagem para nos protegermos do vento frio, do pó, da chuva e dos lodos. Ao pôr do Sol, partimos em direcção a Sevilha.